



VI Congresso Internacional de Educação- Neurociência e educação- entrelaçamentos entre saúde, aprendizagem e envelhecimento

LAÇOS, AFETOS E SABERES: RELATOS DE VIVÊNCIAS NA OFICINA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DA UNAPI/CPAQ¹

Maikon de Souza²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CPAQ

E-mail: maikondesouza6@gmail.com

Janete Rosa da Fonseca³

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CPAQ

E-mail: janete.fonseca@ufms.br

RESUMO

O presente artigo apresenta um relato de experiência das atividades desenvolvidas no Projeto de Alfabetização e Letramento da Universidade Aberta à Pessoa Idosa (UNAPI), vinculado ao Campus de Aquidauana da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (CPAQ/UFMS). O projeto tem como objetivo promover o acesso à educação e a valorização da pessoa idosa, fundamentando-se nos princípios da Pedagogia Freireana, na escuta sensível e no diálogo intergeracional. O trabalho discute a importância dos vínculos afetivos no processo educativo, evidenciando que o ato de ensinar e aprender ultrapassa a dimensão cognitiva, envolvendo também aspectos emocionais, sociais e culturais. As experiências relatadas demonstram que a alfabetização, nesse contexto, constitui um instrumento de empoderamento, autonomia e resgate da dignidade, reafirmando a educação como prática de liberdade. A partir da convivência e das trocas entre educadores e educandos, compreende-se que o processo de aprendizagem é dialógico, afetivo e transformador. As reflexões apresentadas apontam para a relevância de projetos que integrem saberes e afetos, contribuindo para uma educação mais inclusiva, humana e socialmente comprometida.

Palavras-chave: Alfabetização. Afetividade Educação de idosos. Inclusão social. Paulo Freire.

¹ Artigo apresentado ao Congresso Internacional de Educação como Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Pedagogia da UFMS/CPAQ.

² Acadêmico do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFMS/ Campus de Aquidauana.

³ Professora do Curso de Licenciatura em Pedagogia e do Programa de Pós graduação da UFMS/Campus de Aquidauana- Orientadora deste trabalho de Conclusão de Curso.

ABSTRACT

This article presents an experience report from the Literacy and Reading Project of the Open University for the Elderly (UNAPI), developed at the Aquidauana Campus of the Federal University of Mato Grosso do Sul (CPAQ/UFMS). The project aims to promote access to education and the appreciation of older adults, grounded in Freirean pedagogy, attentive listening, and intergenerational dialogue. The paper discusses the importance of affective bonds in the educational process, emphasizing that teaching and learning go beyond the cognitive dimension, involving emotional, social, and cultural aspects. The experiences shared reveal that literacy, in this context, serves as an instrument of empowerment, autonomy, and the recovery of dignity, reaffirming education as a practice of freedom. Through coexistence and exchanges between educators and learners, it was possible to understand that the learning process is dialogical, affective, and transformative. The reflections presented highlight the relevance of projects that integrate knowledge and affection, contributing to a more inclusive, humane, and socially engaged education.

Keywords: Literacy. Elderly education. Affectivity. Paulo Freire. Social inclusion.

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência tem como objetivo compartilhar vivências construídas no âmbito do Projeto de Alfabetização e Letramento da Universidade Aberta à Pessoa Idosa (UNAPI), Vinculado ao Campus de Aquidauana da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (CPAQ/UFMS). Esse projeto tem desempenhado um papel fundamental na promoção do acesso à educação e na valorização da pessoa idosa por meio do fortalecimento de laços afetivos e da construção de saberes coletivos.

A alfabetização de pessoas idosas constitui um ato de resistência e afirmação de direitos. O Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/2003, art. 21) estabelece que “o poder público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados” (Brasil, 2003, p.13). Essa prerrogativa reforça a importância de garantir uma educação inclusiva e acessível, pautada na dignidade e no respeito à trajetória de cada sujeito.

Minha participação no projeto teve início no final de 2024, ainda durante o segundo semestre do curso de Pedagogia, a convite da professora doutora Janete Rosa da Fonseca. Na ocasião, integrei a equipe como voluntário, ao lado de três colegas que estavam no último semestre do curso. Mesmo com menos experiência, fui acolhido e encorajado a me envolver

ativamente nas atividades do projeto, o que representou um momento marcante e desafiador em minha trajetória acadêmica.

Com o encerramento da participação das colegas formadas, no início de 2025, dei continuidade ao projeto convidando três colegas da minha própria turma para integrar a equipe. Essa renovação do grupo fortaleceu ainda mais os vínculos entre os participantes e ampliou as possibilidades de atuação junto aos idosos, reafirmando o compromisso com uma educação pautada na escuta, no cuidado e na valorização da trajetória de vida de cada sujeito.

Este relato busca evidenciar os laços afetivos que se consolidam ao longo das atividades, os saberes trocados entre gerações e os aprendizados construídos por meio das experiências vividas. Mais do que ensinar, a participação no projeto representou uma oportunidade de crescer como ser humano e como futuro educador, reconhecendo a potência da educação como ferramenta de transformação social.

2 O PROJETO E SEUS PROPÓSITOS

O Projeto de Alfabetização e Letramento da UNAPI- Universidade Aberta à Pessoa Idosa, desenvolvido no Campus de Aquidauana da UFMS, tem como finalidade principal promover o acesso à educação para pessoas idosas, respeitando suas histórias de vida, suas vivências e seus ritmos próprios de aprendizagem. A iniciativa é alicerçada na compreensão de que a alfabetização vai além da decodificação de letras e palavras: trata-se de um processo de empoderamento, de construção da autonomia e de afirmação de dignidade de cada sujeito. De acordo com Arroyo (2019, p.45), “a Educação de Jovens e Adultos (EJA) deve reconhecer os sujeitos populares como protagonistas de suas trajetórias, valorizando seus saberes e tempos”. A experiência na UNAPI concretiza essa concepção, oferecendo um espaço de escuta e de partilha. Segundo Cachioni (2018, p.72),” a aprendizagem na velhice é possível e necessária, desde que ocorra em ambientes acolhedores, significativos e que respeitem o ritmo individual”. Essa perspectiva norteia o trabalho do projeto, que alia práticas pedagógicas e afetividade, permitindo que os idosos se sintam pertencentes e valorizados.

As atividades são realizadas semanalmente com um grupo de idosos que participa voluntariamente do projeto. As aulas acontecem nas dependências da universidade e são conduzidas por estudantes do curso de Pedagogia, sob orientação docente. O ambiente é pensado para ser acolhedor e inclusivo, buscando proporcionar experiências significativas de aprendizado por meio da escuta, do diálogo e da valorização dos saberes que os idosos já trazem consigo.

Inspirados pelos princípios da pedagogia freireana, compreendemos que a prática educativa deve partir da realidade do educando. Como afirma Paulo Freire (1996,p.68), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. É nessa perspectiva que o projeto se desenvolve: como espaço de trocas, onde todos aprendem e ensinam, e onde os vínculos afetivos tornam-se pontes para a construção do conhecimento.

Além do trabalho com a leitura e a escrita, o projeto também busca promover a autoestima e o pertencimento dos idosos, oferecendo um espaço de escuta, respeito e convivência. Em um país marcado por desigualdades históricas no acesso à educação, oferecer oportunidades para que essas pessoas retomem ou iniciem sua trajetória escolar é, também, um ato de justiça social.

2.1 Primeiros encontros, vínculos e descobertas

Ao iniciar minha participação no Projeto de Alfabetização e Letramento da UNAPI, no final de 2024, fui tomado por um misto de sentimentos. Por um lado, havia uma imensa vontade de estar ali, de contribuir, de ensinar e aprender com aquelas pessoas. Por outro, existia um medo silencioso, uma timidez que me fazia questionar se eu realmente conseguiria me conectar com o grupo de idosos, criar vínculos verdadeiros e conduzir as atividades de maneira significativa.

A insegurança inicial estava ligada, sobretudo, ao receio de não conseguir estabelecer uma relação de afeto e confiança com os participantes. Eu sabia que ensinar adultos e idoso exigia muito mais do que dominar conteúdos pedagógicos; exigia escuta, sensibilidade, paciência e abertura para o outro. Foi nesse ponto que os próprios educandos me ensinaram minha primeira grande lição: o poder da acolhida.

Já na segunda semana de atividades, pude perceber a força dos laços que começavam a ser tecidos. Fui recebido com sorrisos, olhares atentos e palavras de incentivo por parte dos idosos, que demonstraram não apenas disposição para aprender, mas também uma generosidade afetiva que me tocou profundamente.

Esse acolhimento espontâneo transformou minha postura: a timidez deu lugar à escuta ativa e o modo, à vontade de construir um espaço de troca genuína.

Moran (2018,p.56) destaca que a aprendizagem significativa se dá quando há emoção envolvida no processo. O afeto é, portanto, um elemento mediador essencial entre o educador e o educando. Na prática, esse afeto se traduziu em gestos simples: escuta atenta, empatia e respeito à história de cada um.

Ali, o processo de ensinar e aprender era coletivo e dialógico, e eu, mesmo ainda no segundo semestre da graduação, comecei a perceber que o verdadeiro papel do educador não é o de “detentor do saber”, mas o de alguém que caminha junto, que aprende com o outro e com o mundo ao seu redor.

2.2 Saberes trocados: quem ensina e quem aprende?

Uma das descobertas mais marcantes da minha vivência foi perceber que, embora estivéssemos ali com o objetivo de alfabetizar e letrar os idosos, o aprendizado não era unilateral. Na verdade, as trocas eram constantes, profundas e transformadoras. Cada encontro representava uma aula sobre a vida, sobre o tempo, sobre formas de ser e estar no mundo que, muitas vezes, escapam aos currículos escolares formais.

O principal aprendizado que recebi desses educandos foi a resiliência. Muitos deles enfrentaram trajetórias difíceis, marcadas por exclusões, silêncios e oportunidades negadas. Ainda assim, chegavam as aulas com brilho nos olhos, vontade de aprender e compartilhar, e uma fé admirável na potência da educação, mesmo após décadas sem frequentar uma sala de aula. Essa força silenciosa me ensinou mais sobre educação do que qualquer teoria lida nos livros.

Além da resiliência, eles me ensinaram saberes diversos e preciosos. Compartilhavam receitas antigas, modos de preparo típicos de outras épocas, histórias de festas populares, músicas, práticas e cuidado com a terra e com as pessoas. Cada um trazia consigo uma bagagem cultural rica e única. Em muitos momentos, me vi aprendendo com entusiasmo sobre culinária que eu desconhecia, sobre hábitos e expressões que carregam memórias vivas de um Brasil muitas vezes invisibilizado. O aprendizado não foi unilateral. Ao ensinar leitura e escrita, aprendi sobre cultura, memória e resistência. Os idosos, com suas histórias, compartilharam saberes de vida que extrapolam o conhecimento formal. Segundo Gadotti (2017, p. 33), a EJA e suas extensões, como a educação de idosos, devem ser espaços de libertação e valorização da experiência humana.

Cada aula se tornou um diálogo de saberes, em que todos aprendiam juntos, reafirmando que “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes” (Freire, 1996, p. 68). Essa troca constante evidenciou que o conhecimento não está apenas nos livros, mas também na vivência de cada sujeito. O educador, nesse contexto, é mediador e aprendiz.

Esse processo de troca de saberes é também um ato político e afetivo. Ao valorizar o que os idosos trazem consigo, reforçamos sua autoestima, sua identidade e seu pertencimento.

E, ao mesmo tempo, aprendemos com eles um outro modo de olhar para a educação mais humano, mais sensível, mais real.

2.3 Desafios e superações na prática de alfabetização com idosos

Um dos grandes desafios enfrentados no projeto foi lidar com os diferentes níveis de letramento presentes na turma. Ao contrário de um grupo homogêneo, como muitas vezes se espera em espaços formais de ensino, os participantes da UNAPI apresentavam vivências escolares e conhecimentos muito distintos. Alguns nunca haviam sido alfabetizados; outros tinham frequentado a escola na juventude e desejavam retomar os estudos do ponto onde haviam parado, como se estivessem em uma sala da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Essa realidade exigia de mim e da equipe um olhar sensível, uma escuta constante e, acima de tudo, paciência. Era necessário conduzir as oficinas de alfabetização de forma que todos se sentissem incluídos e respeitados. Uma forma errônea porém comum seria nivelar a turma por baixo ou por cima. Por isso, adotamos estratégias que permitissem a participação de todos, valorizando o conhecimento prévio dos mais experientes, sem desconsiderar o tempo e o ritmo dos colegas que estavam começando do “zero”.

A solução encontrada foi trabalhar conteúdos significativos, conectados a realidade concreta dos alunos: alimentação, datas comemorativas, histórias pessoais, receitas, músicas antigas e objetos da cultura popular. Trazer o conteúdo para perto da vida dos educandos fazia com que eles se reconhecessem no processo, se sentissem valorizados e permanecessem atentos. Essa é uma prática defendida por Paulo Freire (1987), que propõem uma educação baseada no diálogo com a realidade dos sujeitos, partindo daquilo que ele chama de “palavras geradoras”, ou seja, palavras que fazem sentido na vida daquele grupo.

Além disso, houve também o desafio de trabalhar a convivência entre os próprios idosos, principalmente no início, quando alguns não compreendia a lentidão dos colegas menos alfabetizados. Com calma e conversas francas, fui instruindo o grupo sobre a importância de respeitar o tempo de cada um. Aos poucos, eles foram percebendo que não era uma corrida, e sim um caminho partilhado.

Essas superações não aconteceram de forma mágica ou imediata, mas como resultado de confiança construída, da empatia mútua e do cuidado nas relações. A educação, como nos lembra Freire (1996) é um “ato de amor e coragem” e foi com esse espírito que enfrentamos os desafios e celebramos as pequenas conquistas diárias.

De acordo com Neri (2020, p. 119), “o envelhecimento ativo está diretamente relacionado ao engajamento social e cognitivo”. Participar de atividades educativas contribui

para o bem-estar emocional e para o sentimento de pertencimento. Assim, alfabetizar pessoas idosas é também um ato de promoção da saúde e da cidadania.

A prática pedagógica, inspirada em Freire, valorizou temas significativos do cotidiano: culinária, música, memórias e cultura popular. Essas temáticas despertaram interesse e possibilitaram a expressão da identidade de cada participante.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO: O que fica- aprendizados pessoais e profissionais

A participação no Projeto de Alfabetização e Letramento da UNAPI foi, sem dúvida, uma experiência transformadora para minha formação, tanto acadêmica quanto pessoal. Como futuro pedagogo, aprendi que a empatia é uma habilidade fundamental para o exercício da profissão. Compreendi que o papel do professor vai muito além da transmissão de conteúdo; ele é, antes de tudo, um mediador, um facilitador da construção do conhecimento, e nunca o detentor exclusivo do saber. Como ressalta Cachioni (2018, p. 85),” o aprendizado na velhice é uma forma de manter a mente ativa e fortalecer vínculos sociais”. Nesse sentido, o projeto contribui para a inclusão social e emocional dos idosos, reafirmando seu direito de aprender. Percebi também que a afetividade é um elo fundamental para a construção do conhecimento. Segundo Moran (2018, p. 63), “o vínculo emocional entre educador e educando potencializa a aprendizagem e humaniza a sala de aula”. Essa perspectiva, inspirada na pedagogia de Paulo Freire, foi vivenciada diariamente nas interações com os idosos. Entendi que ensinar é criar condições para que o outro possa revelar e potencializar seus saberes, respeitando e educando, que se torna a base para um processo educativo autêntico e libertador.

Como pessoa, essa vivência me tornou mais humano. O contato com as histórias, os desafios e alegrias me fez olhar para a educação com um olhar mais sensível e comprometido com a dignidade humana. Levo comigo, no coração, o carinho, o respeito e a gratidão por cada um que cruzou meu caminho nesse projeto.

Essa experiência ficara para sempre marcada em minha trajetória, não apenas como uma etapa acadêmica, mas como um momento de profunda aprendizagem sobre a vida, sobre o amor à educação e sobre a força do vínculo afetivo como elemento essencial no processo de ensinar e aprender. Cada aula vivida no projeto da UNAPI é, por si só, um momento único, especial e repleto de emoção. Não se trata apenas de ensinar letras ou palavras, mas de acompanhar, passo a passo, a construção de conquistas pessoais que carregam décadas de espera, silêncios e sonhos interrompidos. É impossível separar o ato pedagógico do ato afetivo, pois, em cada progresso dos alunos, há também uma explosão de alegria, pertencimento e reconhecimento.

Um dos momentos mais simbólicos dessa caminhada foi quando começamos a trabalhar com letras cursivas. Até então, a maioria dos idosos utilizava apenas letras de forma, influenciados pelo cotidiano digital especialmente pelos teclados de celulares, onde o modelo de letra é padronizado. Introduzir a cursiva exigiu paciência, treino motor e, acima de tudo, motivação. Quando conseguiram escrever seus nomes completos com fluidez e segurança, a reação foi comovente: vibravam, sorriam, mostravam uns aos outros com orgulho e diziam, com brilho nos olhos, que agora sentiam-se “de verdade na escola”.

Outro momento marcante foi logo no início, quando apresentei o alfabeto completo, incluindo as letras K, Y e W. Para muitos, essas letras eram desconhecidas não faziam parte do alfabeto ensinado na época em que frequentaram a escola ou ouviram falar dela. Essa descoberta gerou um rico debate, no qual compartilhamos histórias sobre as mudanças na língua ao longo do tempo, e mais uma vez os papéis de educador e educando se misturaram. Eles me ensinaram expressões antigas, me contaram como se aprendia “naquele tempo”, e juntos compreendemos o quanto a linguagem também é viva e histórica.

Como ensina Paulo Freire (1996), o ato de aprender deve ser repleto de significado. Ele afirma que “é preciso que o saber se torne corpo, se torne sentimento”. E foi exatamente isso que se vivia nessas aulas: cada nova letra aprendida era um passo rumo à autonomia, cada nome escrito era um reencontro com a própria identidade.

Esses momentos não são apenas pedagógicos são humanos, são sociais, são políticos. Eles revelam a potência transformadora da educação quando feita com amor, respeito e compromisso com o outro. E é por isso que cada aula, por mais simples que pareça, torna-se uma memória afetiva que levarei para toda a vida.

Figura 1: Atividade realizada com os alunos da UNAPI



Fonte: acervo pessoal

Figura 2 : Momentos de troca e aprendizagem



Fonte: acervo pessoal

Figura 3: Sala de aula- Alunos e alunas da UNAPI



Fonte: acervo pessoal

Figura 4 :Alfabeto



Fonte: acervo pessoal

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato de vivência apresentado evidencia que a construção de laços afetivos e a valorização dos saberes no Projeto de Alfabetização e Letramento da UNAPI-CPAQ são fundamentais para a promoção de uma educação libertadora, inclusiva e humana. Por meio do diálogo, da escuta e do respeito mútuo, foi possível superar desafios, celebrar conquistas e fortalecer vínculos que transcendem o espaço da sala de aula. O Estatuto do Idoso reforça o direito à educação como instrumento de cidadania, e essa experiência concretiza esse princípio. O aprendizado construído vai além do cognitivo: envolve pertencimento, autoestima e reconstrução da identidade. Como destaca Arroyo (2019, p. 102), a educação deve ser uma prática de reconhecimento e de justiça social. Cada momento vivido na UNAPI reafirmou a importância de uma pedagogia humanizadora, sensível às histórias e aos afetos que constituem cada sujeito.

A participação nesse projeto reforçou a compreensão de que a educação é um ato político e ético, que deve respeitar as histórias e os tempo de cada sujeito, especialmente daqueles que historicamente foram excluídos dos processos educativos formais. Inspirados por Paulo Freire, reconhecemos que ensinar e aprender é um processo coletivo e dialógico, que se realiza no encontro entre pessoas.

Finalmente, a experiência reforça o compromisso social e acadêmico de promover a inclusão e a dignidade da pessoa idosa, em consonância com o Estatuto do Idoso e os princípios da educação para todos. Essa trajetória reafirma a importância de projetos que conjugam saberes, afetos e direito, construindo uma sociedade mais justa e humana. Pesquisas realizadas pela OMS preveem que até 2050, teremos 2 bilhões de idosos e que mais de 80 % vão estar em países em desenvolvimento como o Brasil. Porém, pessoas brancas tem 9% mais aposentadorias do que negros. Negros envelhecem com menos proteção social e maior vulnerabilidade além disso o etarismo pesa muito mais sobre as mulheres. Na mídia, no trabalho, na vida cotidiana, elas enfrentam o machismo e a discriminação por idade ao mesmo tempo. No mercado profissional acima dos 50 anos são descartados. A ausência de políticas públicas reforça o problema. Estamos preparados para esta realidade? Saúde e Educação estão preparadas para receber e trabalhar com este público? O envelhecimento é um processo biológico inevitável que envolve mudanças fisiológicas, psicológicas e cognitivas.

Mais do que um projeto de alfabetização, a UNAPI é um espaço de resistência, esperança e amor pela educação.

REFERÊNCIAS

Arroyo, M. G. **Educação de jovens e adultos: sujeitos, saberes e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2019.

Brasil. **Estatuto do Idoso: Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Brasília: Presidência da República, 2003.

Cachioni, M. **Aprendizagem e envelhecimento: educação e velhice ativa**. São Paulo: Cortez, 2018.

Freire, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Gadotti, M. **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

Moran, J. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2018.

Neri, A. L. **Velhice ativa: perspectivas de políticas públicas e qualidade de vida**. Campinas: Alínea, 2020.